

1-
2-
3-
4-
5-
6-
7-
8-
9-
10-
11-
12-
13-
14-
15-
16-
17-
18-
19-
20-
21-
22-
23-
24-
25-
26-
27-
28-
29-
30-
31-
32-
33-
34-
35-
36-
37-
38-
39-
40-
41-
42-
43-
44-
45-
46-
47-
48-
49-
50-
51-
52-
53-
54-
55-
56-
57-
58-
59-
60-
61-
62-
63-
64-
65-
66-
67-
68-
69-
70-
71-
72-
73-
74-
75-
76-
77-
78-
79-
80-
81-
82-
83-
84-
85-
86-
87-
88-
89-
90-
91-
92-
93-
94-
95-
96-
97-
98-
99-
100-

1-
2-
3-
4-
5-
6-
7-
8-
9-
10-
11-
12-
13-
14-
15-
16-
17-
18-
19-
20-
21-
22-
23-
24-
25-
26-
27-
28-
29-
30-
31-
32-
33-
34-
35-
36-
37-
38-
39-
40-
41-
42-
43-
44-
45-
46-
47-
48-
49-
50-
51-
52-
53-
54-
55-
56-
57-
58-
59-
60-
61-
62-
63-
64-
65-
66-
67-
68-
69-
70-
71-
72-
73-
74-
75-
76-
77-
78-
79-
80-
81-
82-
83-
84-
85-
86-
87-
88-
89-
90-
91-
92-
93-
94-
95-
96-
97-
98-
99-
100-

1-
2-
3-
4-
5-
6-
7-
8-
9-
10-
11-
12-
13-
14-
15-
16-
17-
18-
19-
20-
21-
22-
23-
24-
25-
26-
27-
28-
29-
30-
31-
32-
33-
34-
35-
36-
37-
38-
39-
40-
41-
42-
43-
44-
45-
46-
47-
48-
49-
50-
51-
52-
53-
54-
55-
56-
57-
58-
59-
60-
61-
62-
63-
64-
65-
66-
67-
68-
69-
70-
71-
72-
73-
74-
75-
76-
77-
78-
79-
80-
81-
82-
83-
84-
85-
86-
87-
88-
89-
90-
91-
92-
93-
94-
95-
96-
97-
98-
99-
100-

1-
2-
3-
4-
5-
6-
7-
8-
9-
10-
11-
12-
13-
14-
15-
16-
17-
18-
19-
20-
21-
22-
23-
24-
25-
26-
27-
28-
29-
30-
31-
32-
33-
34-
35-
36-
37-
38-
39-
40-
41-
42-
43-
44-
45-
46-
47-
48-
49-
50-
51-
52-
53-
54-
55-
56-
57-
58-
59-
60-
61-
62-
63-
64-
65-
66-
67-
68-
69-
70-
71-
72-
73-
74-
75-
76-
77-
78-
79-
80-
81-
82-
83-
84-
85-
86-
87-
88-
89-
90-
91-
92-
93-
94-
95-
96-
97-
98-
99-
100-

[Projetos de Prefácio]¹

Cada dia dou menos valor à inteligência. Cada dia acredito mais e mais que é somente independentemente dela que o escritor pode reabilitar alguma coisa de nossas impressões do passado, atingindo assim algo dele mesmo e a única matéria da arte. Aquilo que a inteligência nos dá sob o nome do passado não é ele. Na verdade, como ocorre com as almas dos mortos em certas lendas populares, cada hora de nossa vida, tão logo sucede a morte, encarna-se e oculta-se em algum objeto material. E aí permanece cativa, para sempre cativa, a menos que não encontremos o objeto. Através dele nós a encontramos, nós a invocamos, e ela se liberta. O objeto onde ela se oculta — ou a sensação, visto que todo objeto em relação a nós é sensação — pode muito bem jamais ser reencontrado. E é por isso que existem horas de nossa vida que jamais resuscitaremos. Acontece que este objeto é tão pequeno, tão perdido no mundo, que são tão poucas as possibilidades de ser encontrado em nosso caminho! Há uma casa de campo onde passei muitos verões de minha vida. Por vezes eu pensava naqueles verões, mas não eram propriamente [eles]². Havia muitas razões para que permanecessem mortos para sempre para mim. A ressurreição deles, como todas as ressurreições, deveu-se a um simples acaso. Certa noite, tendo retornado congelado pela neve, e sem conseguir reacquer-me, pus-me a ler no meu quarto diante da

lâmpada, quando minha velha cozinheira tomou a iniciativa de preparar uma xícara de chá, coisa que nunca bebo. Mas o acaso fez com que me trouxesse fatias de pão torrado. Umedeci então o pão torrado na xícara de chá e, no momento em que coloquei o pão torrado na boca, experimentei contra o palato a sensação de seu amolecimento, penetrado pelo gosto do chá; invadindo-me então uma emoção, odores de gerânios, laranjeiras, uma sensação de extraordinária luz, de felicidade; eu permanecia imóvel, temendo deter por um só momento aquilo que se passava comigo e que eu não compreendia, ligando-me sempre àquele gosto de pão molhado que parecia produzir tantas maravilhas, quando de repente os frágeis tabiques de minha memória cederam e foram os verões passados na casa de campo que irromperam em minha consciência, com suas manhãs, arastando com eles o desfile, a carga incessante das horas felizes. Então lembrei-me: todos os dias, depois de me aprontar, descia ao quarto de meu avô que acabava de despertar e tomava seu chá. Ele umedecia um biscoito e servia-me. Quando aqueles outonos passaram, a sensação do biscoito amolecido no chá tornou-se um dos refúgios onde as horas mortas — mortas para a inteligência — ocultar-se-iam, e onde sem dúvida eu nunca as teria reencontrado, se naquela noite de inverno, retornando congelado pela neve, a cozinheira não me houvesse oferecido a bebida a que a ressurreição estava ligada, em virtude de um pacto mágico que eu desconhecia. Mas tão logo provei o biscoito, foi todo um jardim, até então vago e terno aos meus olhos, com suas alamedas esquecidas, que se desenhou, cantado por canteiro, com todas as suas flores, na minúscula xícara de chá, como as florezinhas japonesas que só vicejam na água.

Da mesma forma, muitos dias de Venezia, que a inteligência não podia me devolver, permaneciam mortos para mim quando, no ano passado, ao atravessar um pátio, simplesmente parei no meio dos paralelepípedos desiguais e brilhantes. Os amigos que me acompanhavam temeram que eu tivesse escorregado, mas fiz um sinal para que continuassem, eu os reencontraria adiante: um objeto mais importante prendia-me, não sabia ainda qual era, mas sentia no fundo de mim mesmo estremecer um passado que não reconhecia; foi só ao colocar o pé nos paralelepípedos para experimentar aquela inquietação. Sentia uma felicidade que me invadia, ia ser enriquecido com um pouco

daquela substância pura de nós mesmos que é uma impressão do passado, da vida pura conservada pura (e que só podemos conhecer quando preservada, pois no momento em que a vivemos, ela não se apresenta à nossa memória, mas ao centro das sensações que a suprimem) e [que] só pedia para ser libertada, no sentido de aumentar meus tesouros de poesia e de vida. Mas eu não conhecia o poder de libertá-la. Fielia que aquele passado escapasse-me. Ah! a inteligência de nada me servia naquele tal momento. Refiz alguns passos para trás, para retornar novamente aos paralelepípedos desiguais e brilhantes, esforçando-me para me remeter àquele mesmo lugar. Brusca mente, um fluxo de luz invadiu-me. Era a mesma sensação que eu experimentara em meus pés no pavimento um tanto desigual e liso do batistério de São Marcos. A sombra que havia naquele dia sobre o canal, onde me aguardava a gôndola, toda a felicidade, todo o resouro daquelas horas precipitou-se na sensação daquela sensação reconhecida e daquele dia, ele próprio renascido para mim.

Não somente a inteligência nada pode para com³ semelhantes ressurreições, como também aquelas horas do passado não se escondem senão nos objetos onde a inteligência não procurou encarná-los. Os objetos em que⁴ procuras estabelecer conscientemente⁵ relações com a hora que vives, nestes ela não poderá encontrar asilo. E mais, se outra coisa pode ressuscitá-los, quando forem ressuscitados por ela, estarão despojados de poesia.

Lembra-me que, num dia de viagem, da janela do vagão, esforçava-me para extrair impressões da paisagem que desfilava diante de mim. Escrevia tudo, vendo⁶ passar o pequeno cemitério do campo, observando os traços luminosos do sol nas árvores, as flores do caminho parecidas com as de *Lys dans la vallée*. Desde então, muitas vezes tentei, pensando naquelas árvores raiadas de luz, naquele cemitério de aldeia, evocar aquele dia, isto é, aquele dia *ele mesmo*, e não seu fríto fantasma. Jamais conseguí, embora me desesperasse para obter êxito: até que outro dia, ao jantar, deixei cair a colher no prato. Produziu-se então exatamente o mesmo som do martelo dos agulheiros que batiam, naquele dia, nas rodas do trem nas paradas. No mesmo minuto, a hora desejada e deslumbante em que aquele ruído do retinia renasceu para mim, e todo aquele dia em sua poesia,

de onde excetuavam-se apenas — adquiridos pela observação intencional e perdidos para a ressurreição poética — o cemitério de aldeia, as árvores raiadas de luz e as flores balzaquianas do caminho.

Ah! às vezes o objeto, nós o reencontramos⁷, a sensação perdida nos faz estremecer, mas o tempo permanece muito distante, não podemos nomear a sensação, invocá-la, ela não resuscita. Passando, em certa ocasião pela copa, a tela verde cobria parcialmente a vidraça que, estando quebrada, me fez sim- plesmente parar e escutar em mim mesmo. Um reflexo do outono atingia-me. Por quê? Tentava lembrar. Observava as ves- pas num raio de sol, um odor de cereja na mesa, nada mais po- dia recordar. Por um momento, achei-me na situação de alguém que adormeceu e, ao despertar no meio da noite não sabe onde está, esforçando-se em orientar o corpo para tomar cons- ciência do lugar em que se encontra, não reconhecendo em que leito, em que casa, em que lugar da terra, em que ano da vida encontra-se. Hesitava assim por um minuto, procurando em tor- no do quadrado da tela verde os lugares, os tempos onde mi- nha lembrança, que apenas despertava, devia situar-se. Igual- mente hesitava entre todas as impressões confusas, conhecidas ou esquecidas da minha vida; aquilo tudo só durou um instan- te, logo não vi mais nada, [minha]⁸ lembrança voltou a ador- necer para sempre.

Quantos amigos viram-me assim, durante um passeio, pa- rar junto a uma alameda que se abria diante de nós, ou junto a um bosque, pedindo que me deixassem só por um momen- to! Era em vão; achava bom, por instantes, para retomar as for- ças frescas de minha perseguição ao passado, fechar os olhos, não mais pensar em nada, de repente abrí-los, tentando rever aquelas árvores como na primeira vez, eu não podia saber on- de as tinha visto. Reconhecia a forma, a disposição, a linha que as desenhava parecia calcada em algum misterioso e caro dese- nho que tremia em meu coração. Mas não podia dizer mais na- da, aquelas coisas mesmas pareciam, em sua atitude inocente e apaixonada, dizer de seu pesar por não poderem exprimir- se, de não poderem me revelar o segredo que bem sentiam, e que eu não podia desvendar. Fantasmias de um passado que- rido, tão querido que o coração batia-me como se fosse rom- per, e meus braços estendiam-se impotentes como as sombras

que Enéias reencontrou nos Infernos. Eram os passeios pelos arredores da cidade onde eu fora criança feliz, era tão-somente aquele país imaginário onde mais tarde eu sonhava com ma- mãe tão docente, junto a um lago, numa floresta em que havia claridade durante toda a noite, país assim inventado, mas qua- se tão real quanto a terra de minha infância, que já não passava de um sonho? Eu nada compreendia. E já me via obrigado a reencontrar os amigos que me aguardavam na curva da estra- da, angustiado por ter de virar as costas para sempre a um pas- sado que não veria mais, de renegar os mortos que me esten- diam os braços impotentes e ternos, e pareciam dizer: Ressuscita-nos. E antes de seguir e conversar com os compa- nheiros, voltar-me ainda por instantes para lançar um olhar ca- da vez menos perspicaz para a linha curva e fugaz das árvores expressivas e mudas que se me insinuavam ainda aos olhos e nada mais diziam-me ao coração.

Em face desse passado, essência íntima de nós mesmos, as verdades da inteligência parecem pouco reais. Por isso, princi- palmente a partir do momento em que nessas forças dectrescem, é na direção de tudo aquilo que pode nos ajudar a reencontrá- lo que nós nos conduzimos, e assim vamos nos tornando pou- co compreendidos por aquelas pessoas inteligentes que não sa- bem que o artista vive só, que o valor absoluto das coisas que vê não importa para ele, que a escala de valores só pode ser en- contrada nele mesmo. Pode suceder [que] uma⁹ detestável apre- sentação musical num teatro de província, um baile que a gente de gosto refinado ache ridículo, evoquem nele muitas lembran- ças, retnetendo-o a uma ordem de sonhos e de preocupações bem alem de uma admirável exibição no *Opéra* ou de um sarau ultra-elegante no bairro de Saint-Germain. O nome de estações¹⁰ numa placa da estrada de ferro do Norte, onde ele adoraria imaginar que descia do vago para um crepúsculo de outono, quando as árvores já se mostram despojadas e recen- dem intensamente no ar vivo, um livro insípido para a gente de gosto refinado, cheio de nomes que ele não ouvia desde a in- fância, podem ter para ele um valor bem maior que os belos li- vros de filosofia, e servem para dizer à gente de gosto refinado que um homem de talento pode ter preferências estúpidas.

Alguém poderá talvez se admirar de que, levando em tão pouca consideração a inteligência, tenha eu dado como assunto

das páginas que se seguirão justamente algumas advertências que nossa inteligência nos sugere, em contradição às banalidades que ouvimos e que lemos. Numa hora em que minhas horas estão talvez contadas (todos os homens não estão nesta mesma situação?) é talvez um ato de futilidade fazer obra *intelectual*. Por outro lado, as verdades da inteligência, se são menos preciosas que aqueles segredos do sentimento que acabei de citar, têm, contudo, seu interesse. Um escritor não passa de um poeta. Mesmo os maiores de nosso século, neste mundo imperfeito onde as obras-primas da arte não são senão destroços do naufrágio das grandes inteligências, reataram por uma trama da inteligência as jóias dos sentimentos que só aparecem uma ou outra vez. E se acreditamos que sobre este ponto importante ouvimos os melhores de cada época cometer enganos, chega um tempo em que é preciso sacudir a preguiça deles e provar a necessidade de dizê-lo. O método de Sainte-Beuve não tem assim à primeira vista [um] objetivo tão importante. Contudo, talvez sejamos conduzidos, ao longo das páginas, a ver que toca num dos mais importantes problemas intelectuais, talvez o maior de todos para um artista, relativo à inferioridade da inteligência a que me referi no início. E esta inferioridade da inteligência é ainda assim à inteligência que cabe estabelecer. Pois se a inteligência não merece a coroa suprema, somente ela será capaz de concedê-la. Se ela só ocupa o segundo lugar na hierarquia das virtudes, reserve-se a ela mesma o direito de proclamar que o instinto deve ocupar o primeiro.

Se bem¹¹ que a cada dia eu devote menos valor à crítica, o que vale dizer à inteligência, pois cada vez mais eu a considero impotente para aquela recriação da realidade que resume toda a arte, é à inteligência que me fio hoje para escrever um ensaio¹² totalmente crítico.

Sainte-Beuve¹³.

Cada dia atribuo menos valor à inteligência...¹⁴ Cada dia sinto mais intensamente que não é nesta zona de luz que o escritor poderá evocar aquelas impressões passadas que são a matéria da arte. Ela nada pode nos devolver. Ocorre que, tão logo morra, cada hora de nossa vida vai, como as almas numa crença antiga, encarnar-se num objeto qualquer, numa dada parcela

da matéria, e ali permanece cativa até que encontremos o objeto. Então ela é libertada...

... Mamã¹⁵ deixa-me, mas penso ainda no meu artigo, e, de repente, surge-me a idéia de um próximo *Contre Sainte-Beuve*. Há pouco tempo eu o reli, contra meu hábito, juntei uma grande quantidade de pequenas notas que ali ainda mantenho na gaveta, e tenho coisas importantes a dizer neste momento. Começo a construir o artigo em minha cabeça. A cada minuto ocorrem-me idéias novas. Nem se passou meia-hora, mas o artigo está completamente elaborado em minha cabeça. Gostaria de perguntar a mamãe o que ela pensa de tudo isso. Chamo, nenhum ruído responde. Chamo novamente, ouço passos furtivos, uma hesitação à porta que range.

"Mamã.

— Tu me chamaste, meu querido?

— Sim.

— Diria que tinha medo de estar enganada e que meu lobo pudesse dizer:

'És tu, Ester, que sem ser esperada¹⁶?

ou mesmo:

'Sem minha ordem para cá se diriges teus passos?

Que insolente mortal vem procurar a morte¹⁷?

— Mas não, mãezinha.

'Ester, o que temes, se sou teu irmão?

Para ti foi feita uma lei tão severa¹⁸?

— Isso não impede que eu acredite que, se eu o tivesse despertado, não saberia se meu lobo teria tão facilmente estendido seu cetro de ouro.

— Escuta, queria te pedir um conselho. Senta-te.

— Espera, vou sentar na poltrona; diria que não há muita luminosidade no cômodo. Devo pedir a Felice para trazer a lâmpada?

— Não, não, não conseguiria mais dormir.
Mamãe rindo:
'Sempre Molière'.

'*Prohibe, cara Alcêmène, os archotes de se aproximarem*'¹⁹.

— Bem, eis o que queria te dizer. Queria submeter a tua apreciação um artigo que tenho.

— Mas sabes que tua mãe não pode te dar conselhos sobre essas coisas. Não estudei como tu no *le grand Cyre*²⁰.

— Enfim, escuta-me. O assunto será: contra o método de Sainte-Beuve.

— Sim, acredito que esteja bem. No ensaio de Taine [e] no artigo de Bourget²¹, que me leste, diziam que se tratava de um método maravilhoso que não achou ninguém no século XIX para aplicá-lo.

— Ah, sim, eles dizem isso, mas é uma asneira. Sabes no que consiste esse tal método?

— Conta-me tudo, como se eu não soubesse.

— Sua idéia era que...

"Gostaria²² de escrever um artigo sobre Sainte-Beuve, gostaria de mostrar que o seu método crítico, que é tão admirado, é absurdo, que ele é um mau escritor, e talvez isso me leve a dizer as coisas mais importantes.

— Mas como, eu acreditava que ele era ótimo, esse Sainte-Beuve. (Mamãe nunca dizia que alguma coisa era boa ou não era boa, não se considerava capaz de ter uma opinião.)

— Não, tu te enganas..."

"Semelhante método exige tanto tempo etc., diz Paul Bourget²³, e ninguém o explica melhor do que ele" etc. Sainte-Beuve mesmo²⁴ inquietava-se por ver que o método nem sempre era aplicável. "Para os antigos", dizia ele. E mesmo para os nossos contemporâneos, como temia... Também reprovava aqueles que podiam ter nos legado documentos que no entanto não nos legaram... Valincour...²⁵ e todos aqueles que bem conheceram um escritor..."

"Raros²⁶ foram os discípulos deste mestre que tanto podia nos legar, tal a excelência do referido método. O autor das *Lundis* definia a crítica: uma botânica moral. Pretendia que antes de julgar uma obra, o analista literário deveria esforçar-se para compreender..."